



LÁGRIMA DE
TRILIONÁRIO

NUNO R.

SABOTAGE#0

write.as/sabotage

Lágrima de Trilionário

Nuno R.

write.as/kroeber

Nenhuma parte desta história pode ser reclamada pela lei, privatizada ou impedida de ser distribuída. Qualquer tentativa de supressão ou propriedade será recebida com subversão, criatividade e sentido de humor. Todos os leitores são bem-vindos. É na transmissão pessoal que se investe aqui. Se as páginas que se seguem o inspirarem, envia uma cópia a um amigo, ajuda a sabotar a distopia.

Sabotage#0 é uma rede de distribuição de histórias. Narrativas curtas contra um longo deserto. Se a realidade é distópica, a imaginação continua rebelde. #0 para sempre 0#, porque o momento é agora, antes e depois do futuro.

Para fazeres parte desta rede, basta juntares o nome Sabotage#0 à tua história e enviares uma cópia de volta a quem te enviou uma história. Se receberes de volta uma história, envia-a também a quem ainda não a conhece. Escreve em qualquer língua, envia para qualquer parte do mundo. Podes também partilhar o link:
write.as/sabotage.

Traduz, adapta, encena, filma, lê em voz volta ou sussurra ao ouvido. Descobre o potencial que nem o autor anteviu. As histórias vivem enquanto se contam.

Traduz esta explicação à tua maneira para as línguas que falas.

Lágrima de Trilionário

Nada fazia prever que um dia eu viesse para a rua gritar: "sou o vosso deus".

Ao contrário da maior parte dos meus amigos, terminei a faculdade. Quase todos se tornaram bilionários antes de completar 30 anos. Nessa altura o modelo de negócio era simples. Arriscar muito, ser egomaniaco. Colocar no mercado uma ideia que ameaçasse o ecossistema financeiro. Deixar que os tubarões habituais fizessem uma proposta. E simplesmente vender.

Os meus amigos adquiriram personalidades excêntricas, como quem compra um luxo. Faziam conferências sobre a imortalidade, financiavam a colonização de Marte, fundavam associações transumanistas. Eram rebeldes chiques. Gurus. O dinheiro que tinham recebido num único negócio era uma bênção, um carimbo de validação que nunca alguém poderia retirar. As baboseiras que tinham a dizer, o mundo bebia-as sofregamente. Mesmo que fossem excentricidades, eram as legítimas excentricidades de um ilustre meritocrata.

Eu, ao contrário deles, fui um empreendedor relutante durante muitos anos.

Tinha já quase 40 anos quando fiz a primeira angariação de fundos. Foi fácil, sem sobressaltos. A rede de contactos que estabeleci enquanto professor de economia tornou-se o meu melhor trunfo. Os investidores que surgiram já me conheciam bem. Respeitavam-me e eu a eles.

Não houve disrupção nem nada de francamente inovador. Passei a gerir um serviço que ligava tecnologias já existentes. Para não ser muito técnico,

direi apenas que a minha empresa conseguiu tornar-se um eixo essencial de conexão de dados. Ligava o que era recolhido pela maior parte dos telemóveis de todo o mundo aos anunciantes que beneficiam desses dados. Não inventei nada, não criei nada. Mas fui causador de um sério incremento da eficiência no sector.

Tornei-me também consultor. Empresários que queriam assegurar uma posição estratégica nos seus mercados procuravam-me para que os guiasse a detetar ineficiências e oportunidades e a corrigir métodos e trajetórias. Mantive o posto de professor na universidade só enquanto achava que me trazia mais contactos que a minha atividade financeira. Quando abandonei o ensino e me dediquei apenas aos negócios, tudo ganhou outra dimensão. Transformei o tempo extra em dinheiro abundante.

A partir de certa altura interessei-me por ideias que vinham da indústria, não da finança. Produção em série, distribuição, automatismo. Passei a ver as minhas várias atividades como algo que poderia industrializar. Criei muitas empresas com esse modelo de negócio, para que as pequenas inovações que eu descobria pudessem funcionar por si mesmas, com pessoal, logística e infraestruturas sólidas, sem a minha presença constante. Até este modelo eu vendi, lucrativamente.

Dei um salto de gigante quando a minha reputação me passou a garantir acesso a financiamento quase ilimitado. O único limite que me restava estava do lado da imaginação, não dos recursos. Facilmente conseguia entusiasmar investidores e angariar quantidades incríveis de capital. Não faltava quem me implorasse que eu lhes gerisse o dinheiro. Comecei a ter cuidado com a exposição que estava a ter. Usei táticas conhecidas, de forma a que para chegar ao meu nome havia muitas camadas de sociedades que pertenciam a corporações geridas por fundos. No mínimo, entre uma marca

e o meu nome, havia sempre 15 camadas de ofuscação. Mas era preciso mais.

Tinham-me recomendado que não desse entrevistas nem me deixasse fotografar. Que fizesse tudo para que o meu nome fosse absolutamente desconhecido. Este foi o melhor conselho que alguma vez recebi. O poder atrai medo e o medo une os fracos contra os fortes. Eu soube proteger-me e ao meu poder. Na sombra, cresceu muito mais ainda. Não tinha cultivado uma personalidade maior que o mundo, como os meus colegas da faculdade. Alguns deles eram ou tornaram-se narcísicos patológicos. Mas eu mantive os pés na terra e nunca me endeusei. Sei que outros poderiam, em circunstâncias semelhantes às minhas, obter resultados de igual magnitude. Julgo simplesmente que, a partir de certa altura, quando tudo corre bem e ganhamos balanço, há muito mais coisas a nosso favor do que contra.

Uma grande concentração de riqueza é como um pequeno planeta, tem gravidade e atrai os objetos mais pequenos. Antes de fazer 60 anos, eu movimentava mais dinheiro que alguns países. Não procurei os políticos, foram eles que me procuraram.

Os corredores da Casa Branca e da ONU e os bastidores do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional tornaram-se familiares. Eu fazia parte de vários pequenos grupos não-oficiais que os governos e as instituições globais chamavam quando era preciso tomar decisões importantes, as que não são atiradas à lotaria do voto popular.

Sei que agora todos culpam a minha classe pela crise que quase destruiu o planeta. Mas a crise é esse ponto lento e sinistro de uma montanha russa em que tudo abranda e quase para. É uma pausa, apenas, antes de descermos para o abismo que antecipamos com temor. Depois a velocidade retoma a sua vertigem, até se esgotar de novo a energia. Os dois momentos

de crescimento, antes e depois do colapso financeiro, têm a minha mão e sinto-me francamente orgulhoso. O colapso, embora as massas não o possam entender assim, permitiu-nos tomar as medidas financeiras mais avançadas de sempre. O mundo irá conhecer níveis de prosperidade inéditos, graças à profunda vertigem por que passou.

Mas isto é paralelo à história que vou contar.

Durante o pico da crise, eu tinha mais dinheiro do que a inteligência humana consegue conceber. E devo dizer que fui fraco: tive de recorrer à terapia. Custou-me gerir a desaceleração do mundo. A maior parte dos investidores amedrontou-se e deixou de correr riscos, o investimento caiu a níveis desastrosos. Não obtinha prazer do dinheiro acumulado.

Francamente, não sabia o que fazer. E nem sequer tinha o reconhecimento de ter uma fortuna que, resumida em matemática, dava um número com 12 zeros. O meu rosto nunca surgiu nas revistas nem fui alguma vez entrevistado para explicar as razões do meu clandestino sucesso. Tinha luxos é certo, se comparado com um indivíduo de classe média. Ilha, barco, helicóptero, mais que um carro e casas em países diferentes. É certo que para uma família normal estas coisas parecem elementos de um sonho impossível. Mas não implicam assim tanto dinheiro. E o dinheiro é coisa que se inventa, do nada. Um mercado de futuros é um dos exemplos de se negociar no que pode nem sequer chegar a existir. O dinheiro é tão imparável que viaja no tempo. Não admira que atraia as pessoas mais empreendedoras e inventivas do planeta. A atividade financeira é pura criação.

Caí na depressão. Senti-me desmotivado e sem energia durante tempo demais.

Foi nesse momento da minha crise pessoal que admiráveis possibilidades se abriram.

(...)

Um dia, um amigo disse-me que havia alguém que eu tinha de conhecer. Que havia uma proposta que precisava escutar. Devo ter feito má cara, porque o meu amigo mudou de tom de voz e fez gestos que me pediam para esperar um pouco e escutar mais. Garantiu-me que não era alguém a pedinchar dinheiro nem a querer apresentar-me um pitch para uma ideia supostamente vencedora.

Disse-me apenas: é o alfaiate. Toda a gente, nos meus meios, já ouviu falar do alfaiate. Penso que a maioria, como eu até então, acredita que se trata de um mito, uma história para entreter durante as fastidiosas festas nas embaixadas. O alfaiate é uma pessoa, um grupo de pessoas ou uma empresa secreta. Proporciona serviços à medida. Não tem uma atividade ou um produto específicos. Para cada cliente cria, do nada se necessário, uma experiência. Inventa a tecnologia ou os serviços necessários, reúne os recursos e meios para concretizar algo único, irrepetível e secreto.

Bem, ao menos este dia iria ter algo diferente. Uma pequena pausa no tédio.

Um homem novo, com um ar perfeitamente banal, recebeu-me numa ilha. O meu piloto de helicóptero tinha recebido as coordenadas 20 minutos antes. Eu tinha sido avisado que aquela localização era temporária e que nunca mais ali se iria encontrar o alfaiate. Teatro. Esta gente vê muitos filmes, foi o que pensei. Mas aquilo divertia-me, confesso.

Embora a casa virada para a praia estivesse em perfeitas condições, brilhando numa opulência elegante, a servir havia uma única pessoa. Uma espécie de mordomo, mais bem vestido que o homem banal, sempre por

perto, disponível para acatar as suas ordens. Foi o mordomo que me recebeu ao descer do helicóptero. Era ele que nos servia o uísque, agora.

Ted, no seu caso abrimos uma exceção.

Incomodava-me que usasse o meu nome assim, como se me conhecesse. Mas não quis deixar transparecer as minhas emoções. Continuei calado.

Sabe, geralmente procuram-nos com pedidos mais ou menos específicos. Alguém recomenda os nossos serviços e pedem-nos que realizemos um capricho, um sonho. Mas neste caso tomámos a iniciativa. E vimos até a si já com um produto acabado.

Mantive-me calado. Era absolutamente evidente que o homem banal iria explicar tudo. E também não lhe observei vontade nenhuma de fazer bluff ou criar suspense. Continuou.

Quer que lhe mostre?

Levantou a cabeça para o mordomo. Este pressionou um botão para baixar as persianas elétricas a toda a volta da sala e pousou um comando na mesa onde tínhamos os copos de uísque. Deitou mais algum uísque nos copos e arrumou-se de novo a um canto, com discrição.

O homem banal acendeu com o comando um projetor que transformou toda a parede à nossa frente num imenso ecrã. Centenas de retângulos subdividiam a parede. Em cada um desses retângulos, imagens específicas, em movimento. O comando que ele tinha na mão apontava com uma luz laser, de maneira que se podia escolher uma das cenas. Isso fazia com que a parede se dividisse em dois. De um lado a cena escolhida em grande formato, mostrando por exemplo a sala de uma família. Do outro lado, dezenas de outras imagens, relacionadas com as mesmas pessoas.

Aquilo era um sistema de vigilância. Não percebia o que me queria vender. O sistema de vigilância que eu usava era bastante sofisticado. Este, por comparação, parecia-me pouco profissional, uma mera brincadeira de

crianças. O homem banal tinha antecipado a minha desilusão inicial. Isto era, afinal, a sua forma de jogar. Virou-se para mim e pediu-me um nome.

Diga-me o nome de um presidente ou primeiro ministro.

Eu disse-lhe. Mas ele pousou-me o comando na mão. E disse-me, agora repita o nome para o comando e veja o que acontece. Eu experimentei outro nome. O nome do presidente do meu país.

Para minha surpresa, tinha agora uma imagem de uma conferência de imprensa do meu presidente. Era o anúncio formal de um pacote fiscal em cuja criação eu estive envolvido. Foram semanas a trabalhar com um Think Tank, com algumas pessoas brilhantes mas também com outras insuportáveis. Já nem me lembrava que era hoje a apresentação. A imagem do presidente era a oficial, que as cadeias de televisão transmitiam. Mas ao lado passava-se mais qualquer coisa, dezenas de imagens da vida íntima da sua família. Projetada na parede, estava a vida íntima das pessoas mais próximas de um dos políticos mais influentes no mundo.

O homem banal recostou-se no sofá. Deu uma golada de uísque e calou-se.

Eu não precisava de mais instruções. Disse o nome da minha ex-mulher. E ali estava ela, na varanda da sua casa, a discutir com o namorado. Os nossos filhos apareciam em alguns dos outros ecrãs. Disse o nome de colegas, de celebridades. Com facilidade, descobri os filtros que o sistema permitia. Podia encontrar pessoas por idade, orientação sexual, nacionalidade, registo criminal, ocupação, altura, peso, podia, no perfil de uma pessoa, ver a rede de contactos. Podia aceder a todos os vídeos, todas as fotos e todo o áudio disponíveis sobre a pessoa escolhida. Tinha uma opção que mostrava o histórico de gravações da vida daquela pessoa, permitindo-me viajar no sentido do passado de quem eu escolhesse. E o

software fazia-me imensas sugestões, geográficas, comportamentais, temáticas.

Havia vários modos de uso pré-configurados. Quando comecei a usar, estava no modo Reality Show. Um algoritmo bastante sofisticado pegava nos últimos eventos da vida de qualquer pessoa e apresentava-os como se fosse o anfitrião de um programa de televisão. Podia navegar em toda a rede de contactos e histórico de gravações de uma pessoa usando uma escala de cores. Quanto mais próximo do vermelho, mais intensas, trágicas, perigosas, sexuais ou cómicas eram as imagens. As próprias ligações a outros perfis tinham também rótulo de intensidade. Era bizarro e morbidamente divertido. Tive uma certa vergonha do prazer que aquilo me dava. Mas não havia ninguém para me censurar. Uma aura de impunidade começou a tornar mais saliente este novo poder. Talvez fosse isto que tanto intoxicava os meus amigos. Esta sensação de que não há limites para a realização dos meus impulsos e desejos. Fiquei mais de uma hora com o comando a dirigir a minha gula voyeurista, o uísque a aquecer no meu copo. Isto era afinal um brinquedo de adultos.

Disse ao homem banal: compro.

Fez um gesto que queria dizer, é melhor pensar. E antecipou-se à minha indignação. Disse-me, antes que se sinta insultado, deixe-me apresentar-lhe o preço. E levantou a mão, para que eu não protestasse. Não me lembrava da última vez que escutei a palavra preço dita assim, descaradamente, na minha direção. Eu estava habituado a querer ou não querer. Há muito tempo que tinha deixado de saber o preço das coisas que me apeteciam. Mesmo eu, casto comparado com esses bilionários que chafurdam na sua luxúria, tinha há muito esquecido que o dinheiro pode ser uma barreira e não uma ponte entre desejar e obter. O homem banal conseguiu a minha atenção. E mereceu-a.

Sim, fiquei escandalizado com o preço. Ele desligou a projeção, como quem arruma um brinquedo da vista de uma criança. E disse-me simplesmente: um trilião.

Pela primeira vez em mais de 10 anos, perdi a compostura. Penso que berrei um som sem palavras. Senti-me francamente insultado. Não me incomodava que este homem valorizasse de forma desmedida e irrealista o produto que queria vender. Isso era o meu dia a dia, e eu gostava de negociar. Deixava-me enojado a ideia de que ele realmente pensasse que eu estava disposto a abdicar da minha fortuna por um capricho obscuro. Por quem me tomava este imbecil?

A vergonha que tinha sentido, concentrei-a sobre a forma de indignação dirigida a este homem e à ousadia da sua proposta. É mais fácil ter raiva de algo que está fora de mim. Olhava para ele, respirando pesadamente, certamente vermelho. Furioso. Falava coisas sem sentido, abria os braços e caminhava de um lado para o outro. Derrubei alguns objetos, que o mordomo voltou a colocar no lugar ou cujos cacos removeu, com uma eficiência quase invisível.

Mas o não não me saía.

O homem banal soube manter a sua compostura. Olhava o chão, modestamente. Não fez a mínima tentativa de me provocar. Penso que sentia mesmo algum nervosismo. Uma palavra minha e as pessoas que ele representava poderiam receber uma imensa fortuna.

Continuava em pé, inquieto. Dava passos incoerentes, sem propósito. Voltava atrás, hesitava entre o impulso de me sentar e a vontade de pontapear a mobília. Agitado por uma raiva descontrolada, tentava evitar pegar no comando para o esmagar contra a parede. Passado longos minutos, o pensamento foi ocupando o lugar da emoção. Organizei a minha fúria sob a forma de perguntas.

Como é que o alfaiate sabe que eu posso pagar esta quantia?

Porque é que acreditam que eu estaria disposto a abdicar de quase tudo o que ganhei?

Será que as empresas que criei ajudaram a realizar este produto?

Que limitações terá isto, será que mantém a identidade do alfaiate secreta?

Pensava apenas. Tinha perdido a calma necessária para articular a fala. Era ainda um bicho zangado a recuperar desajeitadamente a humanidade.

Para uma das perguntas, procurei a resposta diretamente. Sentei-me finalmente. Para o comando berrei o meu nome. Tive de repetir o nome, resignando-me a fingir um sossego que não sentia, falando de forma sucessivamente mais perceptível, até ser entendido pelo software.

Ali estava eu, sentado no sofá. E tudo o que tinha feito durante boa parte da minha vida, estava arquivado, ao alcance da minha curiosidade. Desliguei aquela janela indiscreta.

O homem banal falou, com uma cortesia quase amável.

Disse-me para estar à vontade, que na ilha não havia mais câmaras. Que eu podia ir aonde quisesse, para pensar. E que podia levar um telefone satélite. Que havia também uma moto quatro e um barco tripulado à minha disposição. Saí sem lhe responder, deixando o meu telemóvel na mesa. Sem nenhuma tecnologia, com horror à tecnologia, fui caminhar.

Enquanto escrevo, é límpida a imagem da caminhada que fiz entre as palmeiras e o oceano. Recordo sons, cores, cheiros. Mas não consigo aceder ao que pensei. Algo de muito grave se deve ter passado dentro de mim. Mudança.

Regressei à casa sombrio, velho.

Fiz muitas perguntas. O homem banal já sabia que o meu interesse era um sim. Tinha mesmo mudado abandonado o seu tom teatral. Era agora um

adolescente a falar de um gadget, um geek a partilhar uma obsessão. Pode ser uma memória falsa, mas acho que aquele homem estava feliz, enquanto me explicava tudo o que eu queria saber. E era muito. Mas as respostas vieram sem ambiguidade.

O valor que eu pagaria seria único. Incluiria de forma vitalícia todas as atualizações, manutenções, alterações, tudo o que fosse tecnicamente necessário. Estavam também incluídas todas as despesas legais e de relações públicas, o que incorresse de alguma fuga de informação e que obrigasse a esconder este produto do público ou dos políticos. Havia até um plano megalómano que lidava com a contingência de tudo ser descoberto e a minha identidade seria sempre protegida, em qualquer cenário. Havia mais de 100 pessoas que receberiam centenas de milhões e que eram os voluntários para a prisão. Todos eles tinham já assinado contratos-promessa, e seriam bodes expiatórios muito bem pagos. Quando lhe perguntei como é que se garantia que eles iriam cumprir, em vez de mudar de ideias à última da hora, o homem banal abriu a boca para explicar. Interrompi-o dizendo que não interessava. Tive receio de escutar alguma estratégia de chantagem ou ameaça sobre a segurança das suas famílias. A ignorância é sossego. Mais de um bilião estaria reservado aos subornos necessários para me proteger. Subornos foi a expressão usada por ele, sem hipocrisia. Disse-me o homem banal que todos os membros do alfaiate estavam também à disposição do comando. Como olhei para ele incrédulo, ele demonstrou de forma surpreendente.

Disse-me, o meu nome é Maro Lucinov.

Disse o nome dele para o comando e ali estava a vida dele. Tudo desde o seu nascimento. Incluindo reuniões com pessoas que teriam de ser do grupo alfaiate. Isto eu não estava à espera.

Tomou a iniciativa de me explicar em pormenor o que aquilo implicava. Ninguém, no grupo que ele representa, alguma vez deu a cara ou associou o seu nome à palavra alfaite. Mas basta conhecer os seus nomes e eu teria acesso a tudo sobre eles. E como agora sabia o dele, era uma questão de tempo ou de curiosidade e poderia descobrir tudo sobre eles também.

O homem banal não se satisfez em responder apenas ao que eu tinha perguntado.

Disse-me que antes de eu começar a usar, todos os meus dados seriam definitivamente apagados. E que essa remoção digital se faria também em todas as infraestruturas conhecidas. Que mais ninguém no planeta teria, sob nenhuma forma, acesso a informação sobre mim.

(...)

Entrei no helicóptero um homem diferente.

Na curta viagem de regresso sentia-me empreendedor, leve. Sobravam-me provavelmente meia dúzia de milhões e eu era como um desses jovens que vendem tudo e vão dar a volta ao mundo com uma mochila.

Ia inventariando as coisas que iria ainda vender. Visualizava o meu futuro próximo com algum entusiasmo. Iria ter muito que fazer. Senti uma alegre apreensão, ao planear o meu afastamento da Finança. Depois de vender tudo, as dezenas de milhões que daí resultassem ficariam a render e não teria de trabalhar nunca mais. Senti medo. Dias sem a excitação frenética de produzir algo eram uma ideia aterradora. Consegui, como noutras ocasiões, usar esse terror para me obrigar a seguir em frente.

Um trilião não é dinheiro. É capital, ações, participações, valor. Por isso não seria possível dar esse dinheiro a ninguém, em notas e moedas. Nem sequer transferir a informação de que existe essa quantia, dos meus bancos

para uma conta bancária do alfaiate. Mas o que o alfaiate queria era a minha posição. O homem banal estava muitíssimo bem preparado. Tínhamos ficado um mês na ilha, a tratar de praticamente tudo o que era necessário para passar os meus bens financeiros para outras mãos.

Agora que descia do helicóptero para uma casa que iria vender em breve, a mudança estava consumada. Entrei na mansão com distanciamento. Não porque sentisse que aquela propriedade já não me pertencesse. Antes porque tinha a certeza de que eu já não lhe pertencia.

Foi aqui que a minha relação com a realidade ganhou um certo atrito. Eu estava num processo de me retirar do mundo. Antes, fiz tudo para ser do mundo, sem que o mundo me reconhecesse. Era clandestino, secreto, tinha um poder oculto. Tinha influência no mundo, mas evitava que o mundo tivesse influência em mim. Agora era diferente.

Eu seria único. Ninguém poderia conhecer-me. E eu poderia conhecer todos. Antes ainda de me despedir do homem banal, tinha estado mais um par de horas a usar o comando. Desta vez, em vez do modo Reality Show, escolhera o modo Olho de Deus. Era um modo interativo. O poder do meu brinquedo incluía acesso a câmaras inteligentes, dentro e fora das casas, a colunas e assistentes pessoais, a webcams e computadores, a toda a tecnologia digital em rede. E dava-me a capacidade de fazer pequenas intervenções na vida de qualquer pessoa. Eu conseguia com o comando interferir no ambiente de uma pessoa. Pousei o comando, com uma mistura de medo e luxúria, que nunca tinha sentido. Eu seria uma mão invisível, imprevisível. Era meu o poder do caos, que projetava uma sombra sobre a estrutura determinista da civilização.

Quando me sentei na sala da mansão tinha comigo o brinquedo. Tão pequeno que cabia num bolso do casaco. Um mini-projector e um comando. Com estes dois objetos iria observar a humanidade, como um deus

espantado, onisciente mas chegado já depois da criação, com o poder apenas de acrescentar vírgulas ao verbo. Ora o poder é uma droga potente. Bastam algumas gotas para gerar ilusões de imensa magnitude. Basta uma dose para viciar o ego.

Guardei o brinquedo numa pasta de executivo, que seria a minha frugal mochila. E deixei-a de lado, durante alguns meses, enquanto tratava de liquidar tudo o que possuía, até que fosse apenas dinheiro. Mudei-me para a minha casa de estudante, que nunca vendera por nostalgia. Iria viver nesse apartamento com um quarto que a minha mãe me tinha oferecido como prenda de aniversário quando fiz 18 anos. Teria vida de solteiro, de novo, e iria estudar os humanos.

A característica principal de Deus é que não é deste mundo. E no entanto observa-o. Ele é o olhar que está por detrás do ecrã. As pessoas olham para o ecrã, esse abismo luminoso. E Deus olha de volta. O meu brinquedo era algo abismal. O projetor e o comando eram um olho e um dedo divinos. Ambos debruçados sobre a totalidade dos seres humanos. Nada fazia prever que o meu prazer pessoal me transformasse até me perder. Foi quando me sentei para assistir às vidas dos outros que perdi o chão e quase a minha vida.

(...)

Senti-me transportado aos tempos da faculdade. Caixas de pizza acumulavam-se na sala, a louça na cozinha ganhava crostas e a roupa ia desaparecendo do armário para se empilhar no chão. O banho diário foi a única réstia de civilização que mantive. Dormia mal, apenas durante o dia, com sonhos que eram uma monótona intensificação da estranha realidade dos meus dias.

A minha vida era um sofá e o mundo projetado na parede.

Comecei como um espetador de uma televisão com milhares de milhões de programas. Fui a sítios que nunca visitara enquanto trabalhava.

Acompanhei tribos e expedições, viajei pelo deserto, atravessei a tundra, subi cordilheiras, mergulhei em cavernas submersas e vivi no Pólo Sul, com os cientistas da base McMurdo. Drones, satélites, câmaras frontais dos telemóveis. Câmaras de repórteres, câmaras de cientistas, câmaras militares. Todas as câmaras ligadas eram os meus olhos.

O programa que o alfaiate me vendeu não tinha nome. Eu habituei-me a chamar-lhe poder. Pensava para mim, vou usar o poder. Vou ligar o poder. Perguntava-me, será que o poder consegue ver isto? Que limites tem o poder?

Surpreendi-me com o fácil acesso às câmaras dos satélites, a câmaras de vigilância, câmaras em prisões, em salas de operação. Fartei-me de assistir a conversas íntimas, declarações e ameaças, tudo me parecia muito semelhante visto de perto. O poder, no entanto, era versátil.

Era possível fazer filmes, escolher protagonistas, enredos. Tudo usando a realidade gravada em direto e registada para sempre. Mas o modo Cinema rapidamente me aborreceu. Era mesmo o Olho de Deus que me mantinha acordado.

Este software conseguia interagir com a maior parte da Internet das coisas, com tudo o que tivesse o prefixo smart, com quase todos os computadores e telemóveis, com drones e sistemas automatizados. As interações eram mínimas. Ligar e desligar luzes, fazer surgir texto em ecrãs, fazer ouvir a minha voz. E algumas coisas que nem precisavam de um sistema tão poderoso. Truques ao alcance de qualquer hacker, como entrar numa conta de e-mail ou num sistema operativo.

Um dia, enquanto via a passagem de ano projetada na minha parede de mil perspetivas diferentes, fiquei um instante a assistir às celebrações em Times Square. Havia champanhe e fogo de artifício e muitas superfícies se tinham transformado em ecrãs a desejar Happy New Year. Os gritos festivos eram-me alienígenas. Perplexo, percebi que já tinha perdido o contacto direto com as pessoas que observava. Até a pizza me deixavam à porta, há muitas semanas. Os seres humanos eram de outro planeta. Ou melhor, eles eram ainda do mesmo planeta. Mas eu não.

Olhei os rostos e os movimentos, as bocas escancaradas, os gestos descontrolados, a forçada proximidade das pessoas que compunham a multidão. Demorei a perceber que aquilo era alegria. A emoção humana causava-me estranheza.

Há um movimento que me chama a atenção. Algo contra-corrente.

Vejo um casal em particular. Aponto o laser para o rosto da mulher. Com o reconhecimento facial e a localização dos telemóveis do casal, o software encontra e acede a todos os outros aparelhos próximos. Passo a segui-la e ao seu companheiro. Ele faz gestos largos, tenta segurar-lhe o braço, vai atrás dela de mãos erguidas. Ela vira-se para trás e diz-lhe qualquer coisa. O poder consegue apanhar algum áudio. Que banalidade.

É um ciumento a fazer uma cena. A mulher chora e diz-lhe que está farta que ele estrague sempre os melhores momentos. Ele diz-lhe que ela é que estraga tudo. Ela diz-lhe que acabou, que não quer saber mais dele. Mas ele não aceita que lhe virem costas. O céu de Nova Iorque está em festa. É um cenário de celebração agressiva e total. A mulher vai limpando o rosto manchado de maquilhagem, afastando-se de pessoas que lhe desejam bom ano. O homem vai logo atrás, empurra algumas pessoas e quase que perde a companheira de vista, quando troca uns socos com um grupo embriagado. A mulher entra no metro.

Na minha parede vejo já as câmaras de vigilância do metro, mas há um ângulo cego. Só vejo o túnel, vazio de gente e as paredes graffitadas. São os primeiros instantes de um ano novo e algo se irá passar. Estou ansioso por saber o que vai acontecer. Escuto berros, mas nenhum dos dois está ainda ao alcance das câmaras. Passam alguns segundos. O tempo parece-me espesso.

Há um barulho seco, de um volume pesado e mole a bater no chão. E à frente da câmara finalmente a mulher cai aos trambolhões, enquanto passa um metro sem parar. Escuto só o estrondo das carruagens a passar, numa faixa contínua. O corpo da mulher está no chão. Parece viva.

Levanto-me e toco na parede.

Falo para este rosto, oculto pela confusão do cabelo. O homem não está na imagem. Volto a sentar-me. Escolho a opção que reconstitui os últimos momentos das pessoas seguidas. Uma câmara perto da entrada do metro apanhou a cena, mas não se vê o rosto do homem com nitidez. É ele, tem a mesma roupa chique, a mesma postura arrogante. Reconheço-o de imediato, ao ver as imagens deste novo ângulo. Ficou tudo gravado. A discussão curta e a bofetada a abrir caminho à violência. Este cobarde empurrou a mulher escadas a baixo. Ficou a olhar um momento e cuspiu na direção em que a mulher caiu. Depois seguiu a caminhar muito direito e tranquilo.

Eu não podia ficar quieto. Tinha de fazer alguma coisa.

Usei o software para fazer uma chamada anónima para a polícia, para que fossem ver se a mulher estava bem. E dividi o ecrã para poder acompanhar ao mesmo tempo a vítima e o agressor.

Enviei imagens do que tinha acontecido à polícia, de tudo, desde a perseguição até à cuspidela. Enviei também a morada do trabalho e da residência e todos os contactos do cobarde.

Linda. Era este o nome daquela mulher.

Acompanhei a sua reabilitação com as câmaras do hospital, até que se tornasse mais ou menos evidente que voltaria a andar. Enviei-lhe flores, transferei dinheiro para a sua conta.

Durante semanas, voltei a viver. Tive o primeiro sonho digno desse nome. Linda passava na rua, eu era um sem abrigo. E ela olhava para mim com bondade. O sonho repetiu-se. Em algumas variações, Linda levava-me até um dinner, resgatava-me do inverno nova iorquino, fazia-me rir.

Mas voltei a estar inquieto.

Durante quase um dia inteiro, não liguei o projetor. Quase que saí de casa. Mas no sofá o poder esperava, como uma força magnética. Sentei-me. Ao olhar para o comando, com asco e desejo, acabei por encontrar um pretexto para ligar aquele engenho divino.

Iria ajudar as pessoas. O poder apodrece se não se usa.

Eu queria fazer mais do que chamar a polícia quando as coisas já correram mal. Fiz uma limpeza apressada à casa, a ver se arrumava também as ideias. Sacudi as almofadas do sofá e abri a janela durante um par de horas. O rumor das ambulâncias, das buzinas impacientes, de palavras indistintas entrou-me pelo apartamento pela primeira vez em meses. O som da cidade era irreal. Não fazia sentido. Aquilo não era o mundo. Eu é que tinha o mundo nas minhas mãos. Segurava a realidade, a que só eu podia ter acesso. Podia mergulhar profundamente na vidas das pessoas. E tinha de fazer algo com isso. O poder era meu e vinha com uma responsabilidade imensa e irresistível.

Comecei a procurar vítimas. Esquadras de polícia, abrigos de proteção contra a violência doméstica, lares, orfanatos. O meu olho divino passou a pente fino hospitais comunitários, sopas dos pobres, centros do Exército da Salvação, associações de caridade, becos onde dormiam os sem-abrigo. Queria, através dos mais fracos, descobrir quem os ameaçava, quem os

colocava em perigo e os fazia sofrer. Encontrei mais do que poderia imaginar.

Depois de uma queixa contra o marido numa esquadra, algumas mulheres voltavam a casa para serem espancadas e eram a seguir levadas pelo agressor e despejadas do carro às portas de um hospital. Algumas não chegavam ao hospital. Dos orfanatos, algumas crianças saiam para ser abusadas e depois fugiam de casa dos que os tinham adotado, acabando na rua. A vida dos sem-abrigo era uma sucessão de violência e caos. A própria polícia era predadora, corrupta, terrível.

Havia felicidade também. Mas eu era insensível ao riso, ao sossego, aos pequenos mimos que as pessoas tranquilas trocam, aos gestos de quem se apaixona ou comove. Eu alimentava-me da dor dos miseráveis. Passaram-se dois anos e eu ainda não tinha nenhum plano. A minha saúde degradou-se, mas eu não tinha tempo para ser hipocondríaco. Sonhava até que absorvia as doenças do mundo, para aliviar os outros seres humanos do sofrimento. O cabelo caía-me, tinha muitos problemas de digestão, dentes degradados e uma coleção de dores. Ia deixando que a vida me abandonasse aos poucos. Sonhava já com o dia em que encontrariam o meu cadáver naquele sofá. Não havia mais mundo que a parede em que o mundo era projetado.

Eu nunca mais viajara, tinha reduzido o mundo a uma cidade. E a cidade a algumas pessoas. Acompanhava de perto algumas dezenas de pessoas. Vi várias morrer. Estava paralisado, demasiado conectado àquelas vidas. Num pesadelo, tive a revelação de que se eu fechasse os olhos o mundo se acabaria. Eu era a testemunha essencial da vida humana. Tinha o comando na mão, mas eram os meus olhos que originavam todas as possibilidades.

Fiz ainda algumas tentativas de intervir na vida as pessoas. Mas acontecia-me que um agressor se vingava da vítima, depois de e-mails

ameaçadores enviados por mim. Ou era libertado depois de prestar declarações à polícia e voltava a agredir quem eu queria proteger.

A pobreza.

Porque é que tantas pessoas não se esforçavam?

Porque é que deixavam que a vida as dominasse e desistiam de lutar?

Muitas vezes acompanhava algumas pessoas durante 3, 4 dias, sem me alimentar, sem dormir. E continuava sem perceber. Algumas pessoas pareciam preferir que a morte viesse, eventualmente, em vez de enfrentar a vida e procurar soluções. Cheguei a enviar dinheiro a algumas pessoas. Mas havia sempre tanto para fazer. A onisciência não chega.

(...)

Não há câmaras suficientes no mundo. Há sempre ângulos cegos. Há locais onde a violência se pode esconder da lei, onde os cobardes se vingam nos inocentes. O trilião de que abduquei permitir-me-ia mudar alguma coisa, por pouco que fosse. Mas eu desperdicei-o num impulso. Só eu sei das lágrimas secretas de uma certa mãe que foi despedida e esconde o desespero do filho. Do tempo que fica a olhar para o frasco dos comprimidos, todas as noites. Da lentidão com que acaricia as cicatrizes nos pulsos. Só eu conheço o canto onde dorme uma meia dúzia de adolescentes vagabundos. Os locais onde se prostituem, para continuarem a usar a droga que faça esquecer tudo o que precisam de fazer para continuarem a ter droga. Só eu conheço o outro lado da vida de alguns líderes exemplares. O que ocultam das câmaras que conhecem, mas não dos meus olhos. As pessoas que magoam, os vícios a que se dedicam. Saber não me vale de nada. O mundo é o meu fardo.

O me custa mais é a bondade. Vejo a frágil autonomia de algumas pessoas e sei que não foram feitas para este mundo. Desprezo-as. Julgam talvez que mudarão alguma coisa, que alguém irá reparar no amor, na gentileza. Deixei de intervir. Sou um deus ausente e melancólico. O demiurgo que criou esta monstruosidade deixou-me apenas o poder mais inútil. Posso empurrar, beliscar, gritar, ameaçar. Mas não mudo nada. Vou fechar os olhos, um dia, e tudo isto se acaba.

(...)

Os dois parágrafos anteriores vou enviá-los também ao Rafael. São lamechas e excessivos, mas até me sabe bem recordar o que já não sou. Estou quase em forma. O terapeuta disse-me que escrever me faria bem e creio que acertou. Entretanto, o que deixei no papel é um esboço para que o Rafael escreva a minha história. Tenho pena de afinal não escrever tudo o que queria, mas o meu lado pragmático veio ao de cima. Aceitei que fosse outra pessoa a escrever. E, finalmente, que escreva fazendo-se passar por mim. Já insisti e voltei a insistir que deveria ser uma biografia oficial, assinada com o nome dele. Deixei de me importar. A editora que o use como escritor fantasma e invente os detalhes que achar por bem. Não me vou opor. Eu já não sou aquilo, muito menos serei a personagem das minhas memórias escritas por um profissional. Durante muito tempo vou continuar sem saber o que sou. O contrato com o alfaiate incluiu todas as despesas médicas, toda a logística de me recuperar e me reinventar uma vida a seguir à crise. Não veio com vacina existencial.

Deixa-me inquieto o facto de tudo estar previsto. O meu ego, ainda em convalescença, fere-se com uma ideia humilhante. Quem me vendeu aquele software esperava que eu não fosse capaz de lidar com aquilo. Porque é que

arriscaram a minha instabilidade? Eu poderia ter revelado tudo aos media, numa demonstração pública. Perdendo a minha própria reputação, poderia ter falado do alfaiate, passando o que sabia à Wikileaks ou ao Snowden ou sei eu lá quem, não faltariam orelhas.

O homem banal levou o engenho. E até me garantiu que seria destruído, a meu pedido. Mais tarde, tentei rir-me do meu momento de ingenuidade, acentuado pela medicação. De que vale destruir um comando e um projetor, se a estrutura continua a existir e cresce cada vez mais?

Não sei quanto tempo preciso para me recuperar completamente. Mas tenho já uma ideia para o meu próximo empreendimento. Vou encontrar forma de vender produtos que reduzam a visibilidade das pessoas. Não sou engenheiro, por isso a ideia ainda é vaga. Mas o modelo de negócio é bem claro. Vou fazer o inverso daquilo que me enriqueceu. Encontrar ferramentas para impedir a consolidação da identidade real das pessoas. Sei que vou ganhar muito dinheiro.

E quanto a vir para a rua gritar coisas ridículas. Apenas uma breve nota.

Bem, há sempre um telefone com câmara por perto. A minha imagem tresloucada, a boca gretada a cuspir a expressão “sou o vosso deus” tornou-se o meme mais popular de sempre. O sucesso foi meteórico e global. Precisei de contratar uma equipa para gerir a visibilidade de um minuto de gravação, reproduzido, alterado e partilhado muitos milhões de vezes. Mesmo que eu não tivesse dinheiro nenhum, o contrato para o livro e o filme já me ajudariam a ter uma boa almofada. A minha história será consumida com pipoca e coca-cola. E ninguém acreditará que é real.

Voltei a ter o sonho em que Linda tinha um gesto de bondade comigo. Dava-me de comer, fazia-me a barba, punha-me sabão e toalhas limpas à

disposição para que eu tomasse banho. Oferecia-me roupa. E tirava uma selfie comigo, orgulhosa da sua bondade e de me conhecer.